A MEDIAÇÃO DE UM FILME DE FICÇÃO: SONHOS DE KUROSAWA

Maria José P. M. de Almeida

A finalidade deste relato é tecer algumas considerações sobre o funcionamento de três episódios de um filme de ficção como mediadores da reflexão sobre ciência e seus papéis em nossa sociedade.

Estes episódios foram escolhidos entre os oito¹ que constituem o filme *Sonhos*, co-produção Estados Unidos/Japão de 1990, com direção e roteiro de *Akira Kurosawa*, diretor que nasceu em Tóquio em 1910, e dirigiu obras primas como *Rashomon* (1950) e *Dersu Uzala* (1975).

As temáticas de seus filmes são variadas, e também são bastante diferentes as dos oito episódios do filme *Sonhos*, o 29º da carreira do diretor, cuja fala apresentada na capa do vídeo desse filme transcrevo a seguir:

Eu acredito que os sonhos sejam aqueles desejos desesperados do homem, que transbordam e aparecem em seu sono, e contudo apresentam sentimentos tão vivos que parecem experiências reais.

Selecionei os três episódios dos *Sonhos* não apenas pela sua temática, relacionada às mazelas do pós-guerra e sua relação com questões de radiação e ciência, mas principalmente pela maneira como as cenas desse diretor sempre me tocaram.

Em diferentes ocasiões, assisti a esses episódios junto com estudantes de licenciatura e com professores de física, tendo em seguida solicitado opiniões escritas e organizado debates que visavam dar ensejo à reflexão sobre essas opiniões, e pude notar que o papel mediador do filme ultrapassa o de simples pretexto para iniciar uma discussão previamente direcionada.

Monte Fuji Em Vermelho - gente correndo, fuga. O que aconteceu? Fogo. É a erupção de um vulcão? Não. Próximo ao mar, um casal e duas crianças, uma no colo da mãe, um homem de terno - um cientista. Este fornece informações: a nuvem vermelha é Plutônio 239, a décima milionésima parte de um grama provoca câncer; o estrôncio amarelo causa leucemia; o céσιο 137 provoca mutações. Todos estão atônitos, a radioatividade é invisível, mas coloriram para identificá-la. Não adianta, todos vão morrer do mesmo jeito. Mas a radiação não mata de imediato; uma morte lenta é

ainda pior. Quem falou que usinas nucleares eram seguras? Um deles espanta a poeira colorida com uma roupa - a impotência diante do perigo.

Neste pesadelo, a imagem do Fujirama em chamas não remete para a erupção de um vulcão, mas sim para a explosão de usinas nucleares.

O Demônio Chorão - paisagem devastada, um homem vagando e outro pergunta se ele é humano. Demônio? Talvez, mas foi humano. Flores estranhas: dentes de leão monstruosos; na rosa, o caule sai da flor; a humanidade estúpida fez isso, fez da terra um depósito de resíduos. Não há alimento; comem-se uns aos outros, os mais fracos vão primeiro; mesmo entre os demônios há hierarquia - poder.

Povoado Dos Moinhos - Imagens bonitas de moinhos rodando, um rapaz observa crianças e encontra um velho. Crítica das pessoas se acostumarem ao conforto. No povoado não precisam de luz elétrica, usam velas. A luz não deixa ver as estrelas; poucas árvores aquecem tanto quanto uma floresta; estrume de vaca também é bom combustível. Crítica aos cientistas que destroem a natureza. Na aldeia as pessoas morrem tarde; não têm templos ou sacerdotes; morrem de acordo com a idade porque levam uma vida natural.

Estes e outros fragmentos de uma possível leitura das imagens do filme são trazidos para a discussão e se juntam e contrapõem a outras leituras, feitas com outras vivências. E todas elas parecem buscar a interlocução com Kurosawa; talvez porque no dizer de Andrés (1965)² "a arte é um ponto de contato entre os homens(...)"^{p.31}, pois segundo essa autora "a identificação de sensibilidades aproxima o espectador do artista, ou seja, do sentimento transmitido pelo objeto criado"^{p.31}.

E nesse sentido, Almeida (1994)³ refere-se diretamente à escola ao apontar que os filmes, como outras obras artísticas:

(...) são produções da cultura: obedecem a condições de produção, contingências de mercado, mas não a objetivos pedagógicos, didáticos ou a seriações artificiais. Sua utilização na educação é importante porque trazem para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa e criativa dos movimentos da cultura, (...)"^{p.49}

O poder das imagens

O poder das imagens produzidas por Kurosawa pode ser avaliado no depoimento de um aluno de física, ao revelar pensamentos gerados pela visão dos três episódios:

O filme me trouxe preocupações com a questão da segurança das usinas nucleares e as possíveis conseqüências de um eventual acidente. Também pensei nas mutações geradas por vícios, como drogas e álcool.

Seus pensamentos foram além da temática do filme, a questão nuclear abordada por Kurosawa se fez presente, mas aparentemente chamou para um assunto talvez considerado mais imediato pelo estudante - as drogas.

Por outro lado, em uma outra fala do mesmo estudante podemos notar sua divergência com a visão de Kurosawa em relação ao papel da ciência.

O filme passa a idéia de que ciência é algo que como produto, gera destruição da natureza. Não concordo com essa colocação já que a produção científica e os possíveis avanços tecnológicos podem atuar em benefício da comunidade se direcionados para isso.

Posicionamentos semelhantes e outros bastante diferenciados foram assumidos por estudantes e professores do ensino médio que viram os três episódios em situações análogas. Selecionei alguns fragmentos de seus discursos explicitando sentimentos e idéias que os episódios lhes haviam despertado:

O homem possui um sentimento de busca, parece que muitas vezes o objeto dessa busca, mesmo a principio parecendo ser busca de segurança e paz, se resume a busca de poder. O cientista é uma figura que se identifica, se torna símbolo do homem moderno, porém o modo de se organizar se estruturar as relações entre esses mesmos homens (não apenas os cientistas) se torna causa de muitas conseqüências fatais para a própria humanidade.

No primeiro instante causou-me tristeza ao ver cenas de pavor, dor e angústia. O próprio homem construindo armadilhas para si mesmo. Depois veio a sensação de alegria, paz, de "vida boa" ao assistir as cenas do homem em harmonia com a natureza.

Questões foram levantadas:

O que homem pretende para si e para seus semelhantes? Quando suas conquistas se

tornam ameaça e condenação ao invés de fator de desenvolvimento?

Manifestações de opinião revelando, talvez, o não encontro no filme de qualquer incentivo à reflexão também foram apresentadas, ou, quem sabe, uma certa resistência à discussão proposta.

Não me provocou nenhum sentimento além daqueles que sempre existiram em mim, sendo um deles o de ser defensor da natureza.

Alguns estudantes e professores transportaram a temática do filme para a questão nacional, como na seguinte afirmação:

No item radiação fico preocupada, principalmente por saber no Brasil a tal pretensão de energia nuclear e vejo muitos problemas sem solução e tratados com descaso, imagine no caso de cuidar de reatores.

E a possibilidade do avanço da ciência/tecnologia foi amplamente defendida em falas como as seguintes:

Apesar de o "velho" viver naturalmente, ele usava moinhos para facilitar seu dia-a-dia. Isso mostra que o avanço tecnológico é inevitável. (...) pois às vezes é melhor só dominar a tecnologia a colocá-la em prática como salvadora.

De incapacidade diante da evolução científica do mundo, embora concorde com essa evolução, mas não como é feita e usada.

Podemos divergir ou ser favoráveis à visão que os episódios subentendem, ou ainda considerar que Kurosawa, embora alerte para questões de suma importância em dois dos episódios aqui citados, assumiu uma posição ingênua ao mostrar um mundo "sem tecnologia" no último episódio.

Mas, o que me parece essencial, a variedade de asserções formuladas como conseqüência de ver o filme e ser questionado sobre os próprios sentimentos, evidencia um poder mediador característico do filme. E este poder, certamente, não pode ser explicado só pela sua temática. Enquanto produção cultural específica, cada filme de ficção tem sua própria identidade.

Considerada a relevância de apenas assisti-lo em qualquer espaço, fica para a mediação escolar a possibilidade de gerar a troca de opiniões entre pares e de abrir o caminho para outras atividades, a partir da mesma ou de outras temáticas.

Estas podem visar objetivos diversificados e, se entre eles, se pretender a reflexão sobre possíveis papéis da ciência em nossa sociedade, entre tan-

tas outras, a questão nuclear parece estar cada vez mais presente⁴ e a exigir posicionamentos e clareza sobre as complexas interseções de poderes, responsabilidades e éticas entre as instituições sociais que incluem a própria ciência.

Notas

1. Sol em meio à chuva; O pomar de pêssegos; A nevasca; O túnel; Corvos; Monte Fuji em vermelho (co-dirigido por Inoshiro Honda); O demônio chorão; Povoados dos moinhos.

2. Andrés, Maria Helena (1965) *Vivência e arte*. São Paulo: Livraria Agir Editora.

3. Almeida, Milton J. (1994) *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez Editora.

4. Para ilustrar essa afirmação, cito aqui o *Correio da Unesco*, o qual traz em seu fascículo de dezembro de 2000, uma matéria com o título "Chernobil fechada...mas o debate ainda em aberto", na qual nos damos conta de que essa central nuclear está sendo fechada só depois de 14 anos do imenso acidente que nela ocorreu nos anos oitenta. E mais, a reportagem remete para pessoas com medo da radiação que hoje ainda continua a sair e conta sobre o medo que elas têm de falar sobre o assunto.